



**UMA LEITURA SOBRE A CONFIGURAÇÃO PASSIONAL  
EM “CARTA DE HERDADE”**

**A READING ABOUT PASSIONAL CONFIGURATION  
IN “CARTA DE HERDADE”**

João Marcos Mateus Kogawa  
UNESP/CAR. - Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa

**Resumo:** Neste artigo, propomos uma leitura do texto “Carta de herdade”, de Florbela Espanca. Como fio condutor de nossa análise, selecionamos o universo passional do sujeito do discurso construído no/pelo conto. Nesse sentido, recortamos a tristeza como configuração passional predominante no horizonte subjetivo. Mais que isso, entendemos que a tristeza é utilizada pelo sujeito do discurso como uma estratégia argumentativa para convencer o destinatário a voltar para o “lugar de origem”. Isso nos permite refletir sobre um possível falseamento no caráter passional do sujeito, ou seja, a paixão pode ser “racionalizada” – sob a forma de carta – e empregada como estratégia argumentativa. Como embasamento teórico, utilizamos a teoria semiótica das paixões elaborada por Greimas e Fontanille.

**Palavras-chave:** modalização; paixão; sensibilização.

**Abstract:** In this paper, we propose a reading of the text “Carta de herdade”, by Florbela Espanca. Like conductor thread of our analysis, we select the passional universe of the discourse’s subject constructed by story. In this way, we cut away the sadness like passional configuration predominant in the subjective’s horizon. More than this, we understand that the sadness is utilized by discourse’s subject like a argumentative strategy to convince the addressee to come back to the origin’s place. It permits us to reflect about a possible distort of the passional character of subject, this is, the passion can be “rationalized” – under letter’s form – like argumentative strategy. Like theoric embasement, we utilize the Semiotic Theory of passions elaborated by Greimas and Fontanille.

**Keywords:** modalization; passion; sensibilization.

## Introdução

Neste artigo, intentamos realizar uma leitura – das várias possíveis – relacionada ao percurso passional do sujeito textual inscrito no conto “Carta de herdade”, escrito por Florbela Espanca. Para isso, utilizaremos a teoria semiótica de linha francesa, fundamentada nos pressupostos teóricos de Greimas e Fontanille (1993) e de Bertrand (2003).

Objetivamos compreender alguns aspectos da importância do universo passional (o “ser” do sujeito), na constituição do *fazer* subjetivo. Além disso, pretendemos entender o desenvolvimento discursivo da *tristeza*, como configuração passional predominante no texto proposto para análise e, como a *tristeza* denota, ao mesmo tempo, um estado de alma do sujeito e o conteúdo de uma tentativa (*fazer*) de persuasão discursiva direcionada a um *outro*. Nesse sentido, entendemos que a construção discursiva da *tristeza*, nesse texto, pode ser entendida como um *querer-saber-poder-fazer* a um destinatário, para que ele, dessa forma, passe a *querer-saber-poder-creer* que *deve fazer* o percurso da volta, o que denota, simultaneamente, um estado disjuntivo do sujeito e um desejo de retorno de um passado longínquo.

A semiótica das paixões originou-se a partir dos postulados teóricos da semiótica geral. Assim, apesar de haver uma diferença relativa ao ponto de vista com que as “duas semióticas olham” o texto – ponto de vista da narratividade ou afetividade –, notamos que uma engendra a outra, fator que inviabiliza a oposição categórica entre narratividade e/ou afetividade. Dessa forma, gradativamente, surgem preocupações concernentes ao universo patêmico que se perfaz nos discursos, literários ou não, e que a semiótica geral “deixava na sombra”, segundo Bertrand.

Diante disso, surge ao longo dos anos de 1980 e 1990, um campo de estudos semióticos que se preocupa com a paixão sob a perspectiva da produção discursiva. De acordo com Bertrand (2003, p. 357-8), “trata-se (...) de construir uma semântica da dimensão passional dos discursos, isto é, considerar a paixão não naquilo que ela afeta o ser efetivo dos sujeitos ‘reais’, mas enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem”.

Sob essa ótica, compreendemos que não é possível pensar as configurações apenas como manifestações individuais de um sujeito afetivo. Devemos considerar, também, as condições culturais, sociais e históricas em que o “discurso passional” é produzido. Nessa perspectiva, entendemos que é de suma importância, para a análise semiótico-passional, a interpretação que as diferentes culturas, em diferentes épocas, conferem aos dispositivos modais responsáveis pela formação passional.

Greimas e Fontanille (1993, p. 140-1) exemplificam isso, ao enunciarem a transformação que sofreu a interpretação sobre a *generosidade*. De acordo com os teóricos franceses,

(...) a modalização regente, definindo a isotopia modal, mudou: do *poder*, que sustentava a generosidade ligada à grandeza, à coragem e mais geralmente todas as acepções que invocam as “grandes origens” do sujeito, passamos ao *querer*, no sentido em que o generoso é quem “dá mais do que deve”, o “mais” sendo aqui a manifestação de uma motivação endógena, independente das obrigações.

No texto de Greimas e Fontanille supracitado, é construída uma vertente da semiótica passional que enfoca a emergência da paixão a partir da semiótica da ação. Esse modelo, de acordo com Bertrand, “confronta” com outro paradigma de semiótica passional, aquele elaborado por Coquet (1997). Segundo Bertrand (2003, p. 358),

Podemos distinguir, em linhas gerais, duas abordagens semióticas da problemática das paixões, que sustentam um confronto: a primeira faz emergir a dimensão passional a partir da semiótica da ação (...). A segunda estabelece a dimensão passional a partir do estatuto particular do sujeito da paixão, oponível ao sujeito do julgamento.

Conforme assinalamos no início deste artigo, trabalharemos com a semiótica das paixões greimasiana, fator que implica corresponder o “sofrer” ao “agir” do sujeito discursivo. Nesse sentido, procuraremos entender a constituição da *tristeza* no conto “Carta de herdade” como algo que se forma no momento enunciativo em que se constrói o discurso – no caso, a carta – e, por sua vez, deixa marcas no texto-enunciado.

Para um melhor acompanhamento de nossa análise, consideramos relevante que o leitor deste artigo confira o conto de Florbela Espanca reproduzido em anexo.

### A configuração passional

No primeiro parágrafo do conto, podemos apreender a *sensibilização* do sujeito. É importante ressaltar que, ao iniciarmos pela *sensibilização* do sujeito passional, realizamos o percurso patêmico de forma inversa, ou seja, partimos da manifestação passional esboçada no texto pelo viés subjetivo, para a *constituição* desse sujeito – fator que possibilita ao sujeito realizar a seleção passional.

Para Greimas e Fontanille (1993, p. 140), a sensibilização

(...) é a operação pela qual dada cultura interpreta uma parte dos dispositivos modais, concebíveis dedutivamente, como efeitos de sentido passionais. Na língua, ela se manifesta quer em condensação, graças à lexicalização dos efeitos de sentido, quer em expansão, sob a forma de sintagmas que compreendem um dos termos genéricos da nomeclatura e uma seqüência que enuncia um comportamento, uma atitude ou um fazer.

O texto analisado (reproduzido em anexo) inicia-se da seguinte forma:

*Amigo longínquo e querido:*

Apresento-lhe a charneca ao entardecer, a minha triste charneca donde nasceu a minha triste alma. Selvagem e rude, patética e trágica, tem a suprema graça, cheia de amargura, dos infinitamente tristes, a quem foi negada a doçura das lágrimas.

A partir dos termos “triste”, “amargura” e “lágrimas”, apreendemos a isotopia que nos remete ao efeito de sentido passional de *tristeza*, ou seja, à sensibilização subjetiva construída no/pelo discurso de “Carta de herdade”. Assim, a denominação passional propriamente dita (“amargura”); o estado de alma subjetivo enunciado (“triste alma”); e a representação mais figurativa (“lágrimas”) concorrem para a formação de um campo discursivo-passional relacionado à *tristeza*. Nesse sentido, à luz do trecho supracitado de Greimas e Fontanille, observamos que a sensibilização manifesta-se, em “Carta de herdade” de forma condensada – a partir da língua –, ou seja, pela lexicalização<sup>1</sup> (“triste”).

Entendemos que o enunciado acima – retirado do texto de Florbela – instaura o que Bertrand denomina “tensividade”. Nesse sentido, o sujeito pode ser entendido como “mais

---

<sup>1</sup> Voltaremos a essa questão adiante.

próximo dos valores que cerceiam sua existência” (intensivo), ou mais “distante desses valores” (distensivo). Dessa forma, as categorias estão ligadas à aspectualidade que delinea o universo “tensivo”. De acordo com Bertrand (2003, p. 371), “(...) devemos postular uma categoria primitiva da ‘tensividade’ (intesivo vs distensivo) que será analisada, em um nível mais superficial, como aspectualização”.

O aspecto predominante na configuração textual é o durativo – marcado pela maior duração do momento de referência ante o momento da enunciação. De acordo com Fiorin (2003, p. 168), o presente durativo pode ser apreendido “quando o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação. A duração é variável, pode ser pequena ou muito longa”. Sob essa perspectiva, entendemos que, no enunciado “Apresento-lhe a charneca ao entardecer”, “apresentar” e “entardecer” coincidem em um dado momento, mas essa coincidência (momento de enunciação) se perde à medida que “entardecer” (momento de referência) tem maior duratividade que “apresentar”.

A apresentação feita pelo sujeito do discurso se perfaz no espaço/tempo do *entardecer*, ou seja, no período de transição entre o dia e a noite em que “Voltam os homens do trabalho, volta o gado ao seu estábulo caiado como uma ermida. Ladram os cães, festivos, enchendo o silêncio de brados. Começa a cega-rega dos grilos. Cai no espaço, como gotas de água, o lamento dos sapos sequiosos” (ESPANCA, 2002, p. 80). Sob essa perspectiva, há uma aproximação do sujeito do discurso com ambiente no qual ele se insere, ou seja, o sujeito do texto projeta-se no espaço/tempo que o circunda, fator que delinea a intensividade com que ele se relaciona com o mundo.

Essa intensidade perpassa todo o texto e compõe o universo patêmico subjetivo. A partir da relação com os estados de coisas, o sujeito se sensibiliza. Tal sensibilização pode ser elucidada pelos lexemas “triste” e “tristes”. O primeiro caracteriza os termos: “charneca”, “alma”; o segundo é um substantivo que, ligado à preposição “de”, indica posse em relação à “amargura” – marca dêitica que nos permite pensar uma classe de sujeitos (“eus”) que compartilham desse mesmo estado passional.

No nível do discurso, percebemos a manifestação da sensibilização por meio da “defasagem” dos papéis temáticos e patêmicos. Ao analisarmos o trecho citado, percebemos que há uma inter-relação entre os semas “alma” e “charneca”. Sob essa ótica, há uma projeção do sujeito sobre o espaço em que ele se insere. Nosso ponto de vista a esse respeito pode ser elucidado pelo trecho que se insere na seqüência discursiva: “É enorme e é simples; fala e escuta. O que eu lhe tenho ouvido! O que eu lhe tenho dito!” (ESPANCA, 2002, p. 80). O sujeito simula um diálogo com um destinatário ausente por meio de uma carta. Essa ausência – que marca o estado disjuntivo do sujeito com o destinatário e por sua vez com um *cronotopo* não mais existente –, faz com que o sujeito projete-se na charneca, “terreno inculto e árido”, para dialogar. Entendemos que há uma inter-relação entre a “secura” e a “aridez” da charneca e a “secura” e “aridez” da alma do sujeito passional. Esse diálogo permite-nos pensar em uma personificação do espaço, em decorrência da necessidade passional do sujeito de re-encontrar um outro que com-partilhe de suas tristezas ou que ponha fim a esse estado de alma. Isso remete-nos ao que afirmam Greimas e Fontanille (1993, p. 56): “(...) o objeto, na paixão, tenderia a tornar-se o parceiro-sujeito do sujeito apaixonado.

Nessa perspectiva, apreendemos uma certa aproximação desse sujeito com a natureza e, de certa forma, um diálogo entre cultura e natureza. A tristeza, marcada pelo estado disjuntivo do sujeito, faz com que ele se aproxime do ambiente natural como um meio de lembrar o que outrora a cultura humana realizava no espaço natural. Assim, a aproximação subjetiva com a natureza pode ser entendida como uma relação simbólica por meio da qual o

sujeito *pode* re-lembrar um sistema cultural e inter-relacional não mais existente, ou seja, a natureza adquire o caráter de representante da memória cultural de um grupo social.

A charneca, sob esse prisma, é “sacramentalizada” no sentido de que, por meio dela, o sujeito pode vislumbrar seu estado de alma triste e fundamentar sua existência na ânsia pela volta do passado. Delineia-se uma presentificação do passado e vice-versa, que justifica o sentimento de nostalgia do sujeito – marcado pela lembrança. A enunciação passional, portanto, firma-se no simulacro subjetivo. De acordo com Bertrand (2003, p. 379),

A projeção dos simulacros é a característica central da enunciação passional. Ela consiste em uma espécie de desdobramento imaginário do discurso. Nela o sujeito elabora objetos repentinamente dotados de qualidades sintáticas e semânticas inéditas: assim, o afeto, elevado à condição de objeto, tende a tornar-se o parceiro-sujeito do sujeito apaixonado.

O conceito de simulacro, enunciado por Greimas e Fontanille (1993), é muito profícuo para o entendimento do diálogo do sujeito em “Carta de herdade” com o espaço “charneca”, pois entendemos essa relação como uma “atribuição” posicional que o sujeito “se dá” no discurso passional – um “eu” afetado pela tristeza que dialoga com um sujeito-espaço. De acordo com os semióticos franceses, simulacros são “(...) as diferentes posições que o sujeito se dá em seu próprio imaginário passional” (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 128). Podemos apreender isso no seguinte trecho: “Nesta hora do entardecer, toda ela palpita em misteriosas vibrações, toda ela é cor, vida, chama-se alvoroço, contido e encadeado por uma secreta maldição!” (ESPANCA, 2002, p. 80), em que há, claramente, uma atribuição projetivo-sentimental que parte do sujeito para o objeto e do objeto para o sujeito, no sentido de que a inexistência do objeto impossibilitaria o diálogo projetivo.

Vemos delinear-se, na construção discursiva, a maneira como o sujeito vivencia o mundo ao seu redor, o que significa apreender o universo tímico desse sujeito. De acordo com Bertrand (2003, p. 368), essa “noção [timia] (...) é incorporada à semiótica enquanto categoria semântica profunda, ou seja, como classema. Ela nomeia a relação primitiva que todo o ser vivo mantém com seu ambiente a maneira como ele se sente em seu meio, entre atração e repulsão”.

Segundo Bertrand, o conceito de timia recebe uma denominação mais neutra (foria), entendida como “elemento portador” e, dessa forma, desdobra-se em /eu-foria/, /dis-foria/ e /a-foria/. Esse espaço fórico encontra sua correspondência no espaço modal constituído/constitutivo no/pelo/do discurso enunciado. Como assevera Bertrand (2003, p. 368-9), “(...) o espaço fórico encontra sua correspondência no espaço modal que o articula: aí se realizam as modificações do estatuto do objeto, e mais precisamente do valor do objeto, na sua relação com o sujeito de estado”.

Pensamos, então, com relação ao estado do sujeito do texto, que ele está disjunto de seu objeto-valor paixão o que, certamente, permite a configuração da tristeza no horizonte subjetivo. Logo no início da carta de Florbela Espanca, lemos o seguinte enunciado: “Amigo longínquo e querido”. No final da carta, enuncia-se: “Amigo longínquo e querido, a triste charneca desdenhada envia-lhe, em nome doutra desdenhada ainda mais triste, um braçado de saudades acabadinhas de colher”.

O estado disjunto do sujeito que *sabe-ser* faz com que ele passe de sujeito de estado a sujeito da ação. Nesse sentido, de um *saber-ser*, ele passa a um *saber-querer-poder-fazer*. Dessa forma, podemos organizar a sintaxe modal que denota o percurso gerativo de sentido do sujeito discursivo feminino em questão como predominância do *querer* sobre os outros modalizadores. A partir do *querer-estar* conjunto com seu objeto-valor desdobram-se as outras categorias modais (*saber, poder*).

A marca de gênero feminino pode ser percebida em: “A noite envolve-me toda (...)”; ou em: “(...) o meu rosto tenta-o para um beijo amigo que – ingrata! – resolvo desdenhar, sem explicações supérfluas”; ou ainda em “Calada, sento-me à porta (...)”. Ressaltamos que, apesar de todas as modalidades envolvidas no processamento do fazer subjetivo, tal sujeito é modalizado, com maior intensidade, pelo *querer*. Mais que isso, por um *querer* impossibilitado por um *não-poder* que causa tristeza no sujeito.

A partir da disjunção subjetiva com seu objeto, leva-o a produzir um discurso proponente da negação do estado de impossibilidade (*não-poder*) em prol da afirmação da possibilidade (esse é o *querer* subjetivo). Sob esse prisma, apreendemos no texto o efeito de sentido de tentativa de convencimento a um destinatário virtualizado (“amigo longínquo”), ou seja, a carta carrega um “convite” ao retorno realizado a partir da descrição do estado de alma subjetivo diante dos estados de coisas.

O fato de ele partir para um momento de ação (feitura da carta) não muda seu estado passional de tristeza. A carta é, na verdade, a modalidade enunciativa que o sujeito utiliza para enunciar seu estado passional a um destinatário. Tal destinatário é o objeto-valor do qual esse sujeito está disjunto, o que nos leva a pressupor que o discurso passional que “confessa” um estado de tristeza, nesse texto, pode ser considerado uma tentativa discursivo-argumentativa de sensibilização do destinatário.

Sob essa perspectiva, o *fazer* subjetivo pode ser interpretado como um *querer-fazer-crer* ao destinatário que é “preciso voltar”. Ao atentarmos para o trecho: “Aquela sombra, ao longe, não será aquele meu irmão, cavaleiro de lenda, que um dia partiu para não voltar?” (ESPANCA, 2002, p. 81), notamos um *querer* subjetivo que anseia por um passado que já não mais existe, o que nos remete a um estado nostálgico.

Essa projeção do sujeito sobre um passado não mais existente, permite-nos um possível entendimento da instauração da isotopia de morte relativa ao momento presente vivenciado pelo sujeito. Destacamos as expressões: “crepúsculos”, “poente”, “fatigar-nos”, “silêncio”, “lamento”, “mãos pálidas”, “morreram”, “mortos cheios de vida”. Essa isotopia de morte está intrinsecamente ligada ao estado disjuntivo presente vivido pelo sujeito. Mais que isso, essa morte em vida é justaposta a uma outra isotopia – de purificação – que nos permite pensar na purificação do sujeito mediante o sofrimento em vida. Sob essa ótica, é possível entender, de forma relativa, que há uma “euforização” da tristeza enquanto “penitência purificadora”. Isso pode ser comprovado pela isotopia da pureza instaurada no discurso da carta, composta pelos vocábulos: “pura”, “pureza imensa”, “limpa”, “lavada”, “vestido branco”.

Há, portanto, uma correlação entre *pureza* e *sofrimento* que cerceia a produção desse discurso. Se pensarmos a religiosidade como uma das características da literatura portuguesa, podemos entender, nessa comparação discursiva, uma influência do discurso religioso sobre o discurso desse sujeito no sentido de que, para se “ganhar a salvação”, é preciso passar por “provação e sofrimento”.

Diante da nossa proposta analítica, cabe ainda observar que, no texto escrito por Florbela Espanca, o sujeito inscreve-se de duas formas. Podemos afirmar que há, inclusive, dois sujeitos distintos, mas inseparáveis, na construção discursiva. Trata-se do sujeito epistolar e do sujeito passional. Acreditamos que um se “identifica” com o outro e ambos se completam na enunciação passional, pois o sujeito epistolar permite-nos apreender a construção do diálogo com um outro (co-enunciador) feita pelo sujeito do discurso, enquanto o sujeito passional possibilita-nos perceber a paixão como manifestação subjetivo-social.

De acordo com Bertrand (2003, p. 384),

O sujeito epistolar é um sujeito dialógico. Ele se fundamenta na instalação de uma isotopia intersubjetiva: estipulando seu co-enunciador como um ator individual figurativo e investindo-o como tal nesse nível, convoca-o à reciprocidade da troca e exige dele pelo menos a confirmação mínima da identidade construída pelo próprio texto da carta. É, no nível mais elementar, o que representa a fórmula administrativa clássica: “Em resposta a vossa carta de tanto...”.

É no âmbito do sujeito epistolar, portanto, que constatamos e propomos uma leitura relativa a uma tentativa de convencimento que parte do sujeito do discurso para um co-enunciador, para utilizar a terminologia selecionada por Bertrand (2003). A descrição da charneca, de fatos que acontecem nela e a informação destinatária: “Amigo longínquo e querido”, são responsáveis pela instauração do co-enunciador como sujeito a ser “informado-convencido”, por meio de uma comparação dialógica entre a alma subjetiva e o espaço charneca, de que o presente faz-se triste pela ausência da presença passada.

Esse sujeito epistolar pode ser apreendido pelo enunciado “Amigo longínquo e querido” e pelo último parágrafo, “Amigo longínquo e querido (...) um braçado de saudades acabadinhas de colher”. Assim, o termo “amigo”, pode ser entendido como um marcador pessoal de terceira pessoa embreante do sujeito epistolar pois, a partir dessa marca, é possível pensar a relação dialógica de um “eu” com um “outro” que caracteriza o discurso epistolar. Ousamos pensar que esse sujeito pode ser relacionado a uma instância de caráter racional no sentido de que há uma relação lógica entre sentir e direcionar esse sentimento, sob a forma de discurso, a um co-enunciador ausente por meio de uma carta. Nos termos da razão, compreendemos que o discurso construído nesse texto representa uma tentativa de convencimento lógico vinculado a uma instância passional, o que nos leva a pressupor que, mesmo num discurso persuasivo, é possível apreender o universo passional como grande motivador da construção desse discurso.

De acordo com Bertrand (2003, p. 384-5), o sujeito passional

(...) antes de qualquer troca intersubjetiva, dirige-se exclusivamente a seu objeto, que é aqui apenas o interlocutor epistolar: é de fato a figura construída do destinatário da carta, co-enunciador potencial, que se acha manipulado e transformado em um actante-objeto (...). A competência do sujeito é então substituída pela valorização do objeto, melhor ainda, por um jogo complexo de valorizações convergentes ou contraditórias, cujo objeto inicial é apenas a referência longínqua, e que vão desenvolver-se (...) em certos papéis patêmicos investidos nos simulacros.

Visualizamos, no texto analisado, uma série de valorizações convergentes e contraditórias marcadas pelos adjetivos atribuídos à charneca, como se enuncia em: “Selvagem e rude, patética e trágica, tem a suprema graça, cheia de amargura, dos infinitamente tristes, a quem foi negada a doçura das lágrimas”. Essas contradições convergentes denotam o estado passional de tristeza e fragmentação vivenciados pelo sujeito que *quer-fazer-saber-creer* ao destinatário (referência longínqua) que seu estado é de “secura e aridez”.

A partir disso, compreendemos que há uma “identificação” do sujeito consigo mesmo. É sob essa perspectiva que compreendemos os enunciados: “Selvagem e rude, patética e trágica, tem a suprema graça cheia de amargura, *dos infinitamente tristes*<sup>2</sup>(...)” e o termo “ingrata”, exclamado em: “(...) o meu rosto tenta-o para um beijo amigo que – *ingrata!*<sup>3</sup> –

<sup>2</sup> Grifo nosso.

<sup>3</sup> Grifo nosso.

resolvo desdenhar (...)”, como embreantes do sujeito. Compreendemos, nesse processo de embreagem, a negação da completude subjetiva racional, em prol da afirmação da complexidade desse sujeito cindido entre o “racional” e o “passional”. Nesse momento, há um “beneficiamento” concedido ao sujeito passional enunciador do discurso. De acordo com Bertrand (2003, p. 385), nesse momento discursivo o “discurso de um ao outro se transforma em discurso para si mesmo, o que a mediação dos simulacros possibilita pela exploração dos valores dos quais eles são o suporte e pela atualização sintagmática de suas virtualidades”.

Percebemos, nessa embreagem discursiva, o aspecto de moralização do sujeito. Sob essa ótica, tal sujeito considera-se infeliz por estar triste e ingrato por recusar um beijo amigo desejado. Essa valoração negativa, apreendida por um efeito de moralização enunciado no discurso, deve-se ao fato de o sujeito desse discurso ser o avaliador de seu estado de alma. Sob essa ótica, o produtor da carta pode ser considerado o grande destinador-julgador que moraliza e sanciona seu próprio discurso. Portanto, a passionalidade mascara, de certa forma, o propósito racional de convencimento re-velado na/pela carta, ou seja, a tristeza torna-se uma forma de persuasão.

O caráter moral ligado à formação das paixões confere à configuração passional um caráter sócio-cultural e, não somente, individual. Dessa forma, entendemos a afirmação de Bertrand (2003, p. 373), segundo a qual

Essa inserção do passional na práxis enunciativa das comunidades lingüísticas e culturais leva, de um lado, a relativizar o caráter eminentemente subjetivo e individual da paixão (que podemos igualmente interpretar como uma conotação cultural) e, de outro lado, a ressaltar o caráter fundamentalmente intersubjetivo das paixões.

Percebemos, dessa forma, que o discurso construído em “Carta de herdade” “reflete e refrata” o percurso passional delineado por Bertrand – retomado de Greimas e Fontanille – de acordo com o qual se instaura a seqüência canônica que vai da disposição à moralização do sujeito. Nesse sentido apreendemos a disposição que, segundo Bertrand (2003, p. 374) “indica o estilo passional do sujeito, seu ‘caráter’”. O percurso passional do sujeito analisado parte de uma tendência (disposição) desse sujeito a ficar triste.

A partir disso, apreendemos a sensibilização por meio de léxicos que nomeiam e selecionam a tristeza como paixão predominante. Tal sensibilização faz com que o sujeito emocione-se e deposite essa emoção num discurso que marca o percurso passional desse sujeito. Por último, compreendemos que o sentimento de tristeza, vinculado a um passado acabado, é moralizado negativamente no discurso, o que denota um momento cultural moderno que, de certa forma, nega valores “passadistas”.

A partir da análise do percurso passional do sujeito feminino construído, discursivamente, em “Carta de herdade”, concluímos que a paixão motiva a construção desse discurso e, a partir dela, o sujeito constrói uma carta (*fazer* discursivo) para *fazer-criar* a um co-enunciador que sente saudades de um *cronotopo* passado. A partir desse procedimento discursivo, entendemos que o sujeito é composto por “dois sujeitos” distintos e complementares: o sujeito epistolar e o sujeito passional.

Compreendemos, portanto, que tal instância subjetiva é fragmentada e complexa, pois deixa marcas, em seu discurso, de que é composta por emoção e razão, ou paixão e razão. A instância passional é apreendida, pelo *ser* do *fazer* subjetivo, ou seja, no momento da ação (construção discursiva) há o desenvolvimento do estado passional subjetivo. Ao considerarmos as condensações léxico-passionais presentes nos enunciados, percebemos que, nesse texto, há o domínio da tristeza, causada pelo estado de disjunção do sujeito com seu objeto-valor, na construção discursiva.

Além disso, destacamos que, em “Carta de herdade”, a discursivização da tristeza pode ser entendida como uma forma de manipulação direcionada ao co-enunciador para convencê-lo de que *deve* voltar:

(...) Aquela sombra, ao longe, não será aquele meu irmão, cavaleiro de lenda, que um dia partiu para não voltar?

Quem sabe! Amigos vivos que me morreram, amigos mortos cheios de vida, quem sabe se, como eu, o luar os tenta nesta doce noite misteriosa e pura! Estendo as mãos ao luar branco, como a uma fogueira, a recordação doutros beijos enche-me da nostalgia amarga dos que se sabem exilados para sempre. (...). (ESPANCA, 2002, p. 80).

Ou ainda, podemos observar o trecho que finaliza a carta: “Amigo longínquo e querido, a triste charneca desdenhada envia-lhe, em nome doutra desdenhada ainda mais triste, um braçado de saudades acabadinhas de colher”. Acreditamos que o fato de o sujeito enunciar-se como “desdenhada”, permite-nos fazer a leitura de que isso simboliza uma tentativa de convencimento, tal como pode ser apreendido no trecho anterior, marcado pelo sentimento de tristeza e nostalgia.

Diante disso, unimos a teoria semiótica das paixões enunciada por Greimas e Fontanille (1993) e por Bertrand (2003) ao percurso passional do sujeito, duplamente composto, em “Carta de herdade”, para compreender a formação da tristeza no complexo subjetivo. Pensamos, portanto, a paixão no âmbito da dialética entre o individual e o social. É essa interação que compõe o que chamamos de configuração passional e permite ao sujeito “nomear” e/ou “selecionar” seu estado de alma.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- COQUET, J.-Cl. **La quête du sens: le langage en question**. Paris: PUF, 1997. (Formes sémiotiques)
- FIORIN, J. L. “Pragmática” In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à lingüística II**. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.
- ESPANCA, F. “Carta de herdade” In: **Afinado desconcerto**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

## ANEXO

### Carta de herdade

*Amigo longínquo e querido:*

Apresento-lhe a charneca ao entardecer, a minha triste charneca donde nasceu a minha triste alma. Selvagem e rude, patética e trágica, tem a suprema graça, cheia de amargura dos infinitamente tristes, a quem foi negada a doçura das lágrimas. É enorme e é simples; fala e escuta. O que eu lhe tenho ouvido! O que eu lhe tenho dito! Toda morena do sol, que a queima em verões sem fim, é como eu uma revoltada, sem gestos e sem gritos. Nesta hora do entardecer, toda ela palpita em misteriosas vibrações, toda ela é cor, vida, chama-se alvoroço, contido e encadeado por uma secreta maldição!

Mas como ele é bonita, a minha charneca!

Borboletas azuis, minúsculas, tombam lá do alto como bocadinhos de céu. Outras roxas... as urzes, talvez, a que, por milagre, tivessem nascido asas. Os crepúsculos, nestas imensas extensões, são longos, longos; um êxtase que se prolonga e que chega a fatigar-nos. O sol constela o poente de pedrarias, e são uma maravilha os montes azulados de Espanha, brumas perdidas ao longe, vagas, aéreas, irreais. A noite desce por fim, arrastada, luarenta, uma claridade que se confunde com o crepúsculo.

Voltam os homens do trabalho, volta o gado ao seu estábulo caiado como uma ermida. Ladram os cães, festivos, enchendo o silêncio de brados. Começa a cega-rega dos grilos. Cai no espaço, como gotas de água, o lamento dos sapos sequiosos.

Volto para o grande *monte* iluminado, lá ao fundo, lentamente, sem pressa de chegar. A noite envolve-me toda, anestesia-me, mãos pálidas e suaves que aflagassem devagarinho um mendigo leproso. Sinto-me mais pura nesta pureza imensa, mais limpa, mais lavada de culpas do que se tivesse nascido agora.

O grande cão de guarda, o *Morgado*, caminha ao meu encontro, solene e grave a dar-me as boas-noites como quem cumpre uma missão diplomática. Baloíça o farto penacho da cauda como uma pluma doirada. Há nos seus olhos, cor de tabaco loiro, ao fixar-me, qualquer coisa de humano, de compreensivo, de caricioso: a sua linda alma de cão que não sabe que tem alma. Numa amabilidade de bruto, roça-se por mim sem nenhuma piedade pelo meu vestido branco, onde as grandes patas desenham a carvão flores desgrenhadas em traços futuristas, e o meu rosto tenta-o para um beijo amigo que – ingrata! – resolvo desdenhar, sem explicações supérfluas. Não se aproxima do *monte* para onde me dirijo: solitário, sente o máximo desprezo pelas multidões ululantes; aristocrata, tem horror aos gritos e às vozes sonoras dos seus outros irmãos de sangue vermelho, de raça plebéia. Fica de longe a ver-me, e o seu olhar, que me segue, dá-me uma impressão de calor, de bem-estar, de ternura, como um olhar humano. Adivinho que tem piedade de mim, que me estudou nos nossos longos passeios solitários pela planície, que sabe no que eu penso e o que eu vim esquecer, que vê como os fantasmas me saem ao caminho. Aquela sombra, ao longe, não será aquele meu irmão, cavaleiro de lenda, que um dia partiu para não voltar?

Quem sabe! Amigos vivos que me morreram, amigos mortos cheios de vida, quem sabe se, como eu, o luar os tenta nesta doce noite misteriosa e pura! Estendo as mãos ao luar branco, como a uma fogueira, a recordação doutros beijos enche-me da nostalgia amarga dos que se sabem exilados para sempre. Ergo os olhos ao céu: um jasmineiro florido, longe, longe! As estrelas empalidecem deslumbradas, elas também, pela brancura milagrosa.

O *Morgado* é agora uma grande sombra imóvel. Que pensará, ele também, sozinho, na imensidade da charneca luarenta?... Ouve-se mais próxima a algazarra da chegada no *monte* iluminado. O vozeirão dos homens, as vozes mais agudas das mulheres, o tropear dos machos nas pedras do pátio formam uma sinfonia bárbara que perturba a noite nos seus sonhos de paz.

A senhora lavradora, o senhor lavrador, os filhos e os netos rodeiam-me solícitos e acolhem-me como um sorriso claro. Naqueles rostos, tostados de sol, o sorriso é uma fogueira a arder. Calada, sento-me à porta, e enquanto os arabescos azulados do meu “Muratti’s”, saboreado com volúpia e olhado com reprovação, traçam no ar palavras que não entendo, outras palavras recordo; erguidas do mais profundo de mim mesma como dum túmulo, mortas que não querem morrer, que não se resignam à fria mortalha do esquecimento em que um dia as envolvi, para as sepultar.

Janela aberta, noite alta, o luar canseiroso vem ainda dar a última demão de cal às paredes do meu quarto, e quando o sono me vem, enfim, fechar os olhos, ainda fica a trabalhar até de madrugada, até a esse instante em que a andorinha, a primeira ave acordada, solta o seu grito de oiro e atravessa, como uma flecha, o céu ainda pálido sobre a charneca ainda adormecida.

Amigo longínquo e querido, a triste charneca desdenhada envia-lhe, em nome doutra desdenhada ainda mais triste, um braçado de saudades acabadinhas de colher

*Alentejo, Junho 1930.*

(ESPANCA, 2002, p. 80-81).